

Tipos de genericidade: algumas questões

1. Em artigos anteriores (Lopes, 1992 e 1993), propus-me analisar as diversas estruturas nominais que em português admitem uma leitura genérica e procurei delimitar as respectivas restrições distribucionais. Ficou então claro que a construção 'Um N' sofria restrições de co-ocorrência muito acentuadas, não se encontrando, na maior parte dos casos, em variação livre com as construções 'O N' e 'Os N's'. Passo a sistematizar as diferenças detectadas, partindo de exemplos:

- (1) *Um castor corre perigo de extinção.
- (2) *Um homem chegou à Lua em 1969.
- (3) *Um lince está a desaparecer.
- (4) *Um homem está a tornar-se cada vez mais individualista.

A frase (1) mostra-nos a incompatibilidade do SN indefinido com predicados de espécie¹; na frase (2), verifica-se que não é possível combinar um predicado episódico com um SN indefinido genericamente interpretado; as frases (3) e (4) revelam a incompatibilidade deste tipo de SN com predicados com um valor aspectual progressivo, quer se trate da descrição de um processo no seu decurso (ou da fase preparatória de um evento que implica uma culminação), quer se trate da descrição de uma mudança gradual num continuum temporal. Note-se que em todos estes contextos as estruturas 'O N' e 'Os N's' seriam genericamente interpretadas e dariam origem a frases aceitáveis.

Segundo alguns autores (cf. Lawler,73; Krifka,87), 'Um N' é ainda incompatível com predicados que denotam propriedades acidentais,

¹ 'Um castor' pode, neste contexto, ser interpretado como denotando um tipo particular de castores, uma subespécie - o castor polar, por exemplo -, mas nunca a espécie na sua globalidade.

propriedades não essenciais do referente designado pelo SN genérico. Vejam-se os exemplos (5- 6):

(5) *Um madrigal é popular.

(5') O madrigal é popular.

(6) Um madrigal é polifónico.

(6') O madrigal é polifónico.

Sendo 'popular' um predicado que denota uma propriedade accidental dos madrigais, a frase (5) resultaria anómala; pelo contrário, dado que 'polifónico' denota uma propriedade essencial dos madrigais, torna-se ipso facto compatível com o SN indefinido genericamente interpretado.

O parâmetro invocado parece-me, porém, algo problemático, dado que é difícil definir com rigor as propriedades essenciais ou definitórias do conjunto de objectos extensionalmente denotado por um nome. Veja-se a frase (7):

(7) Uma criança adora gelados.

Trata-se de uma frase genérica aceitável, embora 'adorar gelados' dificilmente se possa considerar um predicado essencial, definitório dos membros da espécie 'crianças' (atente-se na anomalia da equivalência *'Ser criança implica adorar gelados'). Dada a fluidez do parâmetro 'propriedade accidental', optei por não o incluir na minha análise.

Se, como vimos, as restrições combinatorias do SN indefinido em posição de SU são já significativas, mais acentuadas se tornam em posição de OD e OBL. De facto, nestas posições sintácticas, a estrutura nominal 'Um N' não se presta, em português, a uma interpretação genérica, como se pode verificar pelos seguintes exemplos paradigmáticos:

(8) *O João adora um gato.

(9) *É bom partilhar o tempo com uma criança.

Por outro lado, com nomes massivos, só o SN definido singular admite uma leitura genérica, em posição de SU. Vejam-se as frases (10) e (11):

(10) A água é indispensável à vida.

(11)*Uma água é indispensável à vida.

Em posição de OD e OBL, o SN indefinido cujo núcleo é um nome massivo nunca é interpretado como denotador da substância contínua, tomada na sua globalidade:

(12) *A Ana adora um chá.

(13) *Há muitos acidentes de viação por causa de um álcool.

Estas constatações levam-me a concluir que em português, como aliás noutras línguas (cf. Krifka,87), os SN's definidos são preferencialmente escolhidos em contextos de interpretação genérica, em detrimento dos SN's introduzidos pelo artigo indefinido 'um'. Nesses contextos, os SN's definidos funcionam como nomes próprios de espécies, entidades abstractas que se 'realizam' através de um conjunto aberto de membros (no caso dos nomes massivos, as realizações da espécie seriam porções ou quantidades de matéria). Do ponto de vista ontológico, há uma diferença básica entre a entidade 'espécie' e os indivíduos que a realizam, a saber: qualquer que seja o tempo *t*, um indivíduo tem apenas uma localização em *t*, ao passo que uma espécie pode ter mais do que uma localização em *t* (Krifka,87:16). Por outras palavras, as realizações da espécie podem ser múltiplas e simultâneas, localizadas em espaços distintos; pelo contrário, um indivíduo não pode ser realizado por instâncias que ocupem lugares distintos num mesmo intervalo de tempo.

Retomando a questão da caracterização semântica das estruturas nominais definidas em termos de nomes próprios de espécies, julgo oportuno assinalar que, em português, é frequente a combinação do artigo definido com nomes próprios (vejam-se os SN's: a Ana, a Guarda, os Jerónimos), o que sugere um paralelismo sintáctico-semântico entre nomes próprios de indivíduos, sejam eles animados ou não, e nomes próprios de espécies. Note-se que tal facto é perfeitamente compatível com o valor semântico básico do artigo definido, a referência a uma entidade familiar. Com efeito, o artigo definido utiliza-se quando a entidade referenciada é conhecida pelo locutor e passível de ser reconhecida pelo interlocutor, podendo tal (re)conhecimento ser facultado directamente pela situação de enunciação, e indirectamente pelo discurso anterior ou pelo conhecimento do mundo. No caso dos SN's definidos denotadores de espécies, a entidade referenciada é uma entidade conceptual, resultante de um processo de categorização do

mungo, pelo que a definitude aqui em jogo é uma definitude cognitiva. Quando digo

(14) O leão é feroz.

faço referência a uma espécie que supostamente integra um conhecimento do mundo largamente socializado, partilhado pelos membros da comunidade.²

2. A conclusão de que os SN's indefinidos oferecem uma maior resistência à leitura genérica foi ditada pela análise das suas restrições distribucionais. Há, no entanto, um contexto particular em que SN's definidos e indefinidos se encontram em variação livre. Vejam-se as frases (15) e (16):

(15) Os gatos são traiçoeiros.

(15') O gato é traiçoeiro.

(15'') Um gato é traiçoeiro.

(16) Os castores constroem barragens.

(16') O castor constrói barragens.

(16'') Um castor constói barragens.

Como se pode verificar, nestes casos as estruturas nominais em apreço são plenamente comutáveis. Em todas frases, o núcleo do SN SU é um nome contável e o predicado é basicamente aplicável a indivíduos; por outro lado, são frases que descrevem uma situação que não é temporalmente delimitada. Por outras palavras, as situações descritas não são localizadas num intervalo de tempo fechado. Frases deste tipo expressam propriedades características da espécie, verificadas pelo conjunto aberto dos seus membros típicos. De acordo com Link (1988), julgo pertinente distinguir entre **asserções singulares sobre uma espécie particular** (por ex., 'O homem pisou a Lua em 1969', 'O lince corre perigo de extinção' ou 'William Shockeley inventou o transistor'), e **asserções gerais sobre uma classe aberta de indivíduos** ou frases genéricas propriamente ditas (cf. (15) e

²Nesta perspectiva, a estranheza da frase 'O leão com três pernas é feroz' (ex. de Krifka,87) resultaria, justamente, da fraca probabilidade de 'leão com três pernas' constituir uma categoria ou entidade conceptual pré-construída, cognitivamente partilhada pelos interlocutores.

(16)).³ Nestas últimas, 'Um N', 'Os N's' e 'O N' encontram-se, de facto, em variação livre; por outro lado, este é o único contexto que admite uma interpretação genérica do SN indefinido.

As frases genéricas paradigmaticamente ilustradas pelos exs. (15) e (16) manifestam duas propriedades semânticas que importa realçar. Por um lado, são compatíveis com advérbios de quantificação como 'geralmente', 'habitualmente', o que não acontece com as asserções singulares sobre uma espécie particular. Veja-se o contraste entre (17) e (18):

(17) Geralmente, os castores constroem barragens.

(18) *Geralmente, o homem chegou à lua em 1969.

Por outro lado, as frases genéricas expressam generalizações que exploramos como assunções por defeito, no quadro de um raciocínio não-monótono. Veja-se o argumento inferencial apresentado em (19):

(19) Os gatos são traiçoeiros/O gato é traiçoeiro/Um gato é traiçoeiro

X é um gato

Na ausência de informação contrária, conclua-se que X é traiçoeiro.

É óbvio que as asserções singulares sobre uma espécie particular não autorizam estas inferências por defeito. De facto, das premissas 'O homem chegou à Lua em 1969' e 'X é um homem', não podemos concluir, na ausência de informação contrária, que 'X chegou à Lua'.

É justamente porque autorizam inferências não-monótonas que frases como (19) admitem excepções (entendendo-se por 'excepção' algo que pode ser considerado desviante dadas as assunções correntes que configuram a 'normalidade'). Basta que se adicione informação às premissas para que a conclusão deduzida em (19) deixe de ser válida. No caso vertente, se se adicionar à 2ª premissa a informação de que X é um gato manifestamente diferente dos outros, pelo seu comportamento de indefectível fidelidade, não podemos concluir que X é traiçoeiro. Por outras palavras, estamos

³Note-se a diferença, no plano inferencial, entre (i) e (ii):

(i) Os lincos correm perigo de extinção.

(i') * Há lincos que correm perigo de extinção.

(ii) Os gatos são traiçoeiros.

(ii') Há gatos (que são) traiçoeiros.

perante frases que bloqueiam as inferências segundo a regra da instanciação universal sobre um domínio restringido.

Parece, pois, pertinente distinguir dois tipos de predicções que envolvem uma referência nominal genérica: **predicções directas sobre a espécie** e **predicções indirectas sobre a espécie**.⁴ No primeiro caso, a espécie é denotada por estruturas nominais definidas e, ao nível da forma lógica, o predicado aplica-se directamente à entidade 'espécie'. No segundo caso, SN's indefinidos singulares e SN's definidos (singulares ou plurais) encontram-se em variação livre em posição de SU, e expressa-se uma relação quantificacional por defeito entre membros de uma espécie e propriedades, sendo asserções gerais sobre uma classe aberta de indivíduos - uma classe que engloba indivíduos factuais e potenciais, desde que sejam membros típicos da espécie - a sua forma lógica é representável em termos de uma condicional genérica sob o escopo de um quantificador 'default'; este quantificador distingue-se do quantificador universal pelo facto de restringir a quantificação às instâncias típicas de uma espécie, mesmo quando tais instâncias são apenas objectos possíveis. Veja-se a frase (20):

(20) Uma sereia tem busto de mulher.

O quantificador por defeito diz-nos apenas que, se existir uma entidade que satisfaça o antecedente - 'ser sereia' -, então, na ausência de informação contrária, essa entidade satisfaz igualmente o conseqüente - 'ter busto de mulher'.

Confrontem-se agora as seguintes frases:

(21) Os mamíferos amamentam os filhos.

(22) Os Italianos são bons futebolistas.

(23) A neve é branca.

Em (21), 'amamentar os filhos' é uma propriedade que restringe a denotação do SN à subclasse dos mamíferos fêmeas normais. Em (22), o predicado aplica-se aos italianos que sabem jogar ou jogam futebol. Em (23), a informação genérica expressa depende da verificação de certas

⁴Esta distinção aparece em Krifka 87 (D-generic sentences vs. I-generic sentences), Link 88 (Proper kind predication vs. derived kind predication), Schubert/Pelletier 88 (Direct kind predication vs. derived object predication), Hoyer 88 (kind reference vs. default reference).

condições 'ideais', já que, nos nossos dias e nos nossos centros urbanos poluídos, é difícil encontrar porções de neve brancas.

O quantificador 'default' parece, pois, operar sobre classes homogéneas de indivíduos, sendo tais classes constituídas pelos membros típicos da espécie que são contextualmente relevantes. Por interferência pragmática, delimita-se o domínio de aplicabilidade do predicado a subclasses apropriadas. Link postula uma máxima interpretativa do seguinte tipo. "There is always a Homogeneous Recognizable Subclass (HRS) that can be inferred from grammatical, lexical, contextual and/or other pragmatic information" (87:317).

Embora introduza uma clarificação no plano da genericidade nominal, a distinção proposta entre asserções singulares sobre uma espécie e asserções gerais sobre uma classe aberta de membros típicos não esgota o terreno das frases genéricas. De facto, julgo que há frases genéricas que não se enquadram nesta classificação dicotómica, e que têm sido de algum modo escamoteadas nos estudos recentes sobre a genericidade. Refiro-me a frases do tipo das que são exemplificadas em (24) e (25).

(24) Os cães são mamíferos.

(25) Os peixes respiram por guelras.

Não são generalizações idênticas às que encontramos nos exemplos (15) e (16), pelo simples facto de não admitirem excepções. São frases analíticas, visto que em ambos os casos o predicado integra a denotação intensional do núcleo nominal em posição de SU. Estas frases expressam propriedades essenciais, verificadas por todos os membros da espécie, passados, actuais e futuros, daí que não seja adequado representá-las semanticamente em termos de quantificação por defeito. A 'genericidade' que aqui se manifesta pode eventualmente ser traduzida por um operador modal de necessidade alética, ou por um quantificador universal que opera sobre uma classe aberta, que engloba todos os membros da espécie, factuais e potenciais, e não apenas os seus membros típicos

2.1. Atente-se, finalmente, nos valores temporo-aspectuais dos diferentes tipos de frases que envolvem uma referência genérica.

Quanto ao primeiro tipo considerado - predicacões directas sobre a espécie ou asserções singulares sobre uma espécie particular -, constata-se que as

situações descritas são sempre temporalmente localizadas em intervalos de tempo delimitados. Vejam-se os exemplos:

(26) O lince corre perigo de extinção.

(27) O homem pisou a Lua em 1969.

(28) As crianças estão a perder o hábito da leitura.

Em (26), descreve-se um estado contingente, temporário, pelo que o valor de verdade da frase tem de ser computado em função de um índice temporal, no caso vertente, o intervalo de tempo correspondente a 'actualmente', que inclui o intervalo de tempo da enunciação; em (27), descreve-se um evento consumado, sendo a localização temporal expressa pela conjugação do predicado episódico 'pisou' com o adjunto adverbial 'em 1969'; em (28), descreve-se uma mudança gradual, ou seja, um processo em decurso num dado intervalo de tempo ('actualmente'), que tenderá para um ponto de culminação.

No que diz respeito às predicções indirectas sobre a espécie, ou asserções gerais sobre uma classe aberta de indivíduos, tem sido afirmado que se trata sempre de predicções **atemporais**, sendo o tempo verbal privilegiado o presente do indicativo. Importa, no entanto, esclarecer o que se entende por 'atemporalidade'. Vejam-se os exemplos seguintes:

(29) Os dinossauros eram pacíficos.

(30) Os leões são ferozes.

(31) Num futuro próximo, as crianças saberão lidar com os computadores desde a escola primária.

Em (29), o estado de coisas descrito situa-se no passado, ou seja, num intervalo de tempo anterior ao intervalo de tempo da enunciação; em (30), a predicção remete para um intervalo que inclui o intervalo de tempo da enunciação; em (31), descreve-se uma situação que ocorrerá no futuro, ou seja, num intervalo de tempo posterior ao intervalo de tempo da enunciação. A atemporalidade não significa, por conseguinte, a ausência de uma localização das situações descritas no eixo do tempo. Como se verificou pela análise dos exemplos, é possível ordená-las temporalmente tomando como ponto de referência o intervalo de tempo da enunciação. Penso que é a nível aspectual que se deve colocar o problema da atemporalidade das

frases genéricas, atendendo fundamentalmente à estrutura temporal interna dos intervalos de tempo que as validam.⁵ É esta questão que tentarei esclarecer nas linhas que se seguem.

Nas três frases consideradas, (29), (30) e (31), o intervalo de tempo para que remetem as predicções é um intervalo aberto, sem fronteiras delimitadas, visto que as frases expressam generalizações que escapam à contingência de uma ancoragem espacio-temporal precisa. Em (29) utiliza-se um tempo do passado porque o locutor sabe que os dinossauros desapareceram, e não porque as suas propriedades se tenham alterado.⁶ O imperfeito que aqui ocorre instaura um intervalo aberto, devido ao seu valor imperfectivo. O presente do indicativo, que ocorre em (30), é, em português, o operador por excelência da genericidade aspectual (ou valor aspectual gnómico, na terminologia de alguns autores⁷), na medida em que apaga qualquer fronteira localizadora, instituindo um intervalo aberto susceptível de ser dilatado de forma praticamente ilimitada nos dois sentidos do eixo do tempo. É, pois, o tempo privilegiado para a expressão de propriedades permanentes, ou pelo menos estáveis, de uma dada entidade. Em (30), o futuro simples instaura de igual modo um intervalo aberto, devido ao seu valor imperfectivo.

Assim sendo, todas estas frases descrevem estados. Para clarificar esta afirmação, convém explicitar que partimos de uma distinção básica, numa tipologia de estados de coisas, entre estados e eventos (cf. Moens 87). Os estados são situações temporalmente não delimitadas; os eventos, pelo contrário, são situações que envolvem fronteiras temporais. Como afirma Smith, "states (...) consist of an undifferentiated period (...) not divided into stages" (1991:37). Os estados possuem a propriedade do sub-intervalo, que podemos explicitar informalmente do seguinte modo: se um estado se verifica num dado intervalo I, então verifica-se em todos os sub-intervalos de I (cf. Dowty, 79).

Se tivermos em conta que o intervalo relevante que valida os exemplos precedentes é um intervalo aberto, sem fronteiras delimitadas, e dada a propriedade do sub-intervalo acima referida, então a situação neles

⁵Estabelecemos uma distinção entre informação puramente temporal, que nos permite localizar as situações no eixo do tempo, ordenando-as a partir de um ponto de referência, e informação aspectual, que basicamente nos fornece instruções acerca da estrutura (temporal) interna das situações descritas. Não discutirei, neste artigo, a intersecção complexa entre valores temporais e aspectuais.

⁶Atente-se no contraste entre 'Os dinossauros eram pacíficos'/'Os dinossauros foram pacíficos'.

⁷Cf. Haiman et alii, 1989.

descrita é verdadeira em todos os sub-intervalos desse intervalo ilimitado. É aqui que reside, na minha opinião, a atemporalidade das frases genéricas: qualquer que seja o sub-intervalo de tempo considerado, a predicação é sempre verdadeira.

Na esteira da proposta de Moens 87, considero que o valor aspectual intrínseco do predicado (ou valor de aktionsart), dado lexicalmente, não determina, por si só, o valor aspectual da frase. Pelo contrário, esse valor primitivo pode ser alterado sob a influência de factores como os tempos verbais, os adjuntos adverbiais, os verbos aspectuais e até a natureza semântica dos argumentos do verbo.

Nas frases genéricas, quando o valor aspectual intrínseco do predicado lexical é, à partida, estativo, ou seja, quando o predicado denota situações temporalmente não delimitadas, embora alargadas no tempo, a frase genérica herda esse valor primitivo, uma vez que nela nunca ocorrem elementos que possam anular ou alterar esse valor primitivo.

Quando na frase genérica ocorrem predicados cujo valor aspectual intrínseco é não-estativo, verifica-se uma conversão ou alteração desse valor devido à influência de factores como o tempo verbal e o valor referencial do SN sujeito e do SN objecto directo. Vejam-se as frases (32) a (35).

(32) Os homens não choram.

(33) Os pássaros voam.

(34) Os gatos caçam ratos.

(35) Os castores constroem barragens.

Os predicados 'chorar' e 'voar', do ponto de vista do seu valor aspectual intrínseco, são predicados de processo, sendo os processos eventos dinâmicos, durativos (na medida em que comportam fases sucessivas) e atéticos. No entanto, no contexto da frase genérica, este valor primitivo é neutralizado; o presente apaga as fronteiras localizadoras, induz a leitura genérica do SN sujeito e confere um valor estativo à frase. Poder-se-ia dizer que o valor aspectual das frases genéricas que contêm predicados de processos corresponde, de algum modo, à expressão de uma iteração

ilimitada de eventos similares ao longo de um intervalo sem fronteiras, o que desemboca na descrição linguística de um estado habitual.⁸

Quanto ao valor aspectual intrínseco dos predicados 'caçar ratos' e 'construir barragens', não há dúvida que são igualmente predicados de processos, porque denotam eventos dinâmicos, durativos e atélicos. Note-se o papel decisivo do valor referencial do SN OD na determinação da classe a que pertence o predicado. Com efeito, se 'caçar um rato' e 'construir uma barragem' seriam considerados predicados de processos culminados (na terminologia de Moens), ou seja, predicados de eventos durativos e télicos, que envolvem uma culminação e uma consequência, basta alterar o valor semântico do OD para modificar automaticamente o valor aspectual intrínseco do predicado. Quando o SN OD faz referência a um conjunto contável de entidades discretas, o predicado denota um processo culminado; quando o SN refere uma quantidade não especificada de entidades, o predicado denota um processo, uma vez que deixa de ser possível traçar um limite ou um ponto de culminação para o evento. Também nas frases (34) e (35) se pode considerar que a expressão de uma frequência ilimitada daria origem à representação de padrões de recorrência de eventos, característicos de um estado habitual.

Referências bibliográficas:

- DOWTY, D. (1979) - *Word meaning and Montague grammar: the semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague's PTQ*, Dordrecht, D. Reidel.
- HEYER, G. (1988) - "A frame-based approach to generic descriptions", in Krifka (ed), *Genericity in natural language*, Seminar für natürlich-sprachliche Systeme der Universität Tübingen, pp.175-198.
- KRIFKA, M. (1987) - "An outline of genericity", Forschungsbericht des Seminars für natürlich-sprachliche Systeme der Universität Tübingen, 25.

⁸Diz Smith 91 acerca das frases que expressam predicacões habituais acerca de um individuo ou de uma classe: "Habitual patterns of recurrence do not constitute events, because no particular event is involved. Habitual sentences are semantically stative. Their temporal schemata are stative: they consist of a single undifferentiated period rather than successive stages" (91:39).

- LAWLER (1973) - *Studies in English Generics*, Ann Arbor, University of Michigan Papers in Linguistics, 1.
- LINK, G. (1988) - "Dependency in the theory of generics", in Krifka (ed), *Genericity in natural language*, Seminar für natürlich-sprachliche Systeme der Universität Tübingen, pp. 313-336.
- LOPES, A. C. M. (1992) - "Aspectos da genericidade", in *Cadernos de Semântica* 6, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- LOPES, A. C. M. (1993) - "Sobre a referência nominal genérica", in *Discursos* 4, pp. 115-134.
- MATEUS, M.H.M. et alii (1989)- *Gramática de Língua Portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Ed. Caminho.
- MOENS, M. (1987) - *Tense, aspect and temporal reference*, University of Edinburgh.
- SMITH, C. (1991) - *The parameter of aspect*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- SCHUBERT, L. K. e PELLETIER, F. (1988) - "An outlook on generic statements", in Krifka (ed.), *Genericity in natural language*, Seminar für natürlich-sprachliche Systeme der Universität Tübingen, pp 357-372.